

RESUMO DA SEMANA - 01 a 05/04

Novamente uma semana dominada pela volatilidade dos mercados, tanto no segmento internacional, quanto no cenário local. No exterior, Brexit e acordos entre EUA e China. No mercado local, a reforma da Previdência e a fraca articulação do governo. Com isso, os mercados alternaram entre a aversão e o apetite ao risco, não só nos mercados acionários, mas nos juros praticados e *commodities*.

O petróleo teve dias de forte alta, o minério na China atingiu as maiores cotações em quase um ano e juros com largas oscilações. Além dos “Bund” alemães voltando a mostrar juros positivos. No Reino Unido, o Brexit seguiu com extrema complicação, votações ocorreram em diferentes dias, mas terminamos a semana sem definições, enquanto o prazo de saída de 12 de abril se aproxima. Uma coisa é certa, os parlamentares não querem Brexit sem acordo, mas a União Europeia seguiu indicando que para extensão de prazo até 22 de maio seria preciso aprovar o acordo. Ocorre que o tempo é curto para que a Câmara dos Lordes vote até 10 abril, antes do término. Tusk presidente da União Europeia quer fazer doze meses flexível para que o Reino Unido vote e saia em qualquer momento. Theresa May envia carta pedindo extensão até 30 de junho.

É cada vez mais possível um Brexit sem acordo ou desordenado, o que seria ruim para as economias da região, especialmente do Reino Unido. Na visão do presidente do BOE (BC Inglês) Mark Carney, o risco de um Brexit sem acordo é alarmantemente alto. Mas de certa forma o segmento financeiro e empresas já estão razoavelmente preparados para isso.

Do lado americano, o noticiário político foi bem mais ameno. Todas as notícias versando sobre acordos entre China e EUA foram tidas como positivas, mesmo considerando que não dispomos de detalhes. Trump fala dessa forma, assim com o assessor econômico, Kudlow, e o encarregado de negócios Lighthizer, além de Mnuchin, secretário do Tesouro. Bons acordos sendo formatados no comércio e transferência de tecnologia. Além de encontro com o vice-primeiro-ministro Liu He (falam em 2025 para algumas situações) para a China ajustar; fazem parte do cardápio.

O presidente da China, Xi Jinping, foi na mesma linha de Trump dizendo que fizeram progresso substancial e espera ainda mais. Trump passou a classificar de “monumental”. Mas Trump voltou a ameaçar a fechar a fronteira com o México, alegando ser mais importante a segurança que o comércio americano com o vizinho.

Na economia, a semana foi marcada pela divulgação de indicadores de atividade industrial, serviços e composto; para o mês de março em diferentes países. Destaque positivo para a China com o industrial voltando ao patamar de expansão (acima de 50 pontos), em 50,8 pontos, saindo de 49,8 pontos. Dado importante por conta da crença de desaceleração maior da economia chinesa.

O mesmo não pode ser dito sobre a Alemanha, onde a economia flerta com a recessão e o PMI industrial caiu para 44,1 pontos, de anterior em 44,7 pontos. Queda na zona do euro para 47,5 pontos; ambos mostrando contração da atividade. Na zona do euro, a inflação medida pelo CPI (Consumidor) de março anualizada foi de 1,4% e núcleo em 0,8%, bem abaixo da meta do BCE. As vendas no varejo de fevereiro cresceram 0,4%.

Aliás, pela ata da última reunião do BCE (BC Europeu) foram discutidas novas medidas de estímulo mais agressivas de política monetária, mas há preocupação com o impacto de juros baixos nas instituições financeiras e também com a vulnerabilidade dos países emergentes. Sem contar com a enorme preocupação de rumo da economia da Itália e situação das instituições financeiras da Europa. O BCE segue declarando que estímulos monetários “substanciais” são essenciais em 2020 também.

Outro exemplo negativo ficou por conta do encolhimento das encomendas à indústria da Alemanha de 4,2%, quando o previsto era expansão de 0,5%. A indústria de máquinas sinalizou corte da projeção de crescimento da produção de 2,0% para 1,0%. Austrália manteve juros básicos estabilizados em 1,5% (mínima histórica), e a Índia cortou a taxa para 6,0%, de anterior em 6,25%.

E já que estamos falando de cortes, a Organização Mundial do Comércio (OMC) reduziu sua projeção de crescimento do comércio em 2019 de 3,7% para 2,6%. Nos EUA, as vendas no varejo de fevereiro caíram 0,2%, o PMI da atividade industrial cedeu para 52,8 pontos e o *payroll* divulgado no final da semana deu conta da criação de 196.000 postos de trabalho no mês de março, mais que os 175.000 previstos.

No segmento local, o foco absoluto foi a reforma da Previdência e expectativa de Paulo Guedes em audiência na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ). Tivemos a visita de Bolsonaro à Israel, com novas gafes cometidas e com o vice-presidente Mourão tendo que explicar, desde informações desconstruídas sobre instalação de embaixada ou representação comercial em Jerusalém (porta-voz e filho do presidente), até o próprio presidente falando da embaixada ou se deixando fotografar com metralhadora.

Paulo Guedes na extensa arguição em território inimigo da CCJ (oposição dominou) se houve muito bem. Foi enfático na defesa da necessidade de reforma da Previdência e bastante assertivo nos diagnósticos dos problemas da economia. Porém, depois de sete horas de arguição e de ter sido ofendido por Zeca Dirceu, sucumbiu ao bate-boca e a sessão foi encerrada. Mas não tem muita importância, dado o caráter da CCJ de avaliar admissibilidade da reforma (importante será inicialmente a comissão especial), e ainda da

movimentação de Bolsonaro em conversar com lideranças. Até o momento, essas lideranças ainda não redundaram em compromissos dos partidos contatados de apoiar e fechar questão na reforma. Ainda do lado político, o Ministério Público Federal abriu nova denúncia contra Temer, Moreira Franco e outros nove. O juiz Bretas abriu ação penal.

Na economia, a pesquisa semanal Focus do Bacen trouxe poucas novidades, mas o PIB projetado do ano encolheu para 1,98%, a produção industrial caiu para 2,50% e o saldo da balança comercial em queda para US\$ 50,25 bilhões. O saldo da balança comercial de março foi de US\$ 4,99 bilhões e no ano US\$ 10,89 bilhões. O IBGE mostrou a produção industrial de fevereiro em alta de 0,7% (menor que o previsto) e no ano contração de 0,2%. Em 12 meses, sobe modestos 0,5%. Sobre inflação, a Fipe anunciou março em desaceleração para 0,51% (anterior em 0,54%), e alta no trimestre de 1,64%. A Anfavea mostrou queda da produção de veículos de 6,4% em março e vendas em alta de 5,3%.

No mercado, boas recuperações das ações da Petrobras, Vale e siderúrgicas, por conta do comportamento das *commodities*. Na Bovespa, os investidores estrangeiros até 2 de abril, tinham retirado recursos no mês de R\$ 178,2 milhões, mas o saldo líquido positivo do ano estava em R\$ 1,07 bilhão.

PERSPECTIVAS

Ao que tudo indica a reforma da Previdência entrou definitivamente na pauta do presidente Bolsonaro. Porém, fazemos sempre o reparo de que o presidente é meio imponderável em suas atitudes e expressão sobre temas polêmicos. Juntem a seus filhos e teremos sempre que olhar com alguma reserva.

Ao partimos do pressuposto que agora o presidente se empenhará, é possível começar a dimensionar que tamanho a reforma da Previdência adquirirá. Parece fundamental. Não basta uma reforma que certamente sairá, mas uma reforma que fique o mais aderente possível ao projeto original coma economia fiscal de R\$ 1,16 trilhão, capaz de deflagrar em seguida a mudança para o modelo de capitalização.

Não caberia gastar capital político para finalizar com pequena economia fiscal de, por exemplo, R\$ 500 bilhões em dez anos, e mantendo privilégios, pois não redundaria em quase nada. Portanto, as apostas são no sentido de uma reforma parruda, capaz de manter/ampliar a credibilidade do governo e abrir espaço para outras reformas igualmente importantes. Com essa visão, podemos inferir que a direção está certa e os mercados devem reagir positivamente. Além disso, gostamos bem do projeto que o governo vai lançar com quatro vertentes para destravar a economia, principalmente no que tange às simplificações de burocracias, qualificação profissional e retirar barreiras aos empreendedores.

Do lado externos, dois fatores para considerar. O Brexit e suas mazelas, mas próximo de uma definição. As reuniões entre os EUA e a China podem ter desfecho em cerca de um mês. No exterior, a situação pode suavizar. Em termos técnicos, a Bovespa teria que ultrapassar 96.700 pontos com

consistência, buscar a faixa de 98.000 pontos, para depois correr atrás de novos recordes históricos.

05/04/2019

Advertência: As informações econômico financeiras apresentadas no Acionista.com.br são extraídas de fontes de domínio público, consideradas confiáveis. Entretanto, estas informações estão sujeitas a imprecisões e erros pelos quais não nos responsabilizamos. As opiniões de analistas, assim como os dados e informações de empresas aqui publicadas são de responsabilidade única de seus autores e suas fontes. O objetivo deste portal é suprir o mercado e seus clientes de dados e informações bem como conteúdos sobre mercado financeiro, acionário e de empresas. As decisões sobre investimentos são pessoais, não podendo ser imputado ao acionista.com.br nenhuma responsabilização por prejuízos que eventualmente investidores ou internautas, venham a sofrer. O Acionista.com.br procura identificar e divulgar endereços na Internet voltados ao mercado de informação, visando manter informado seus usuários mais exigentes com uma seleção criteriosa de endereços eletrônicos. Essa divulgação é de forma única, e os domínios divulgados são direcionados a todos os internautas por serem de domínio público. Contudo, enfatizamos que não oferecemos nenhuma garantia a sua integralidade e exatidão, não gerando, portanto, qualquer feito legal.